

## A INTERSECÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA NO CONTO "A ENXADA", DE BERNARDO ÉLIS

THE INTERSECTION BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE IN THE SHORT STORY "A ENXADA", BY  
BERNARDO ÉLIS

**Aline de Fátima Marques<sup>1</sup>**  
**Sueli Alves de Sousa<sup>2</sup>**  
**Rozângela Aparecida de Oliveira<sup>3</sup>**

### RESUMO

O conto "A enxada", de Bernardo Élis, utiliza o espaço geográfico como elemento na construção da narrativa. O cenário rural desempenha papel ativo na definição dos personagens e no desenvolvimento do conto. A descrição da paisagem rural e a representação das dinâmicas de exploração no campo brasileiro estão ligadas com a representação da realidade rural contribui para maior conscientização sobre as condições desumanas enfrentadas pelos trabalhadores rurais nesse recorte temporal. Essas realidades do espaço rural são frequentemente apresentadas através dos gêneros literários, como pode ser visto no conto "A enxada".

**Palavras-chaves:** Lítero Geografia; Bernardo Élis; A enxada.

A relação entre literatura e espaço é um campo de estudo que ganha cada vez mais relevância nas ciências humanas, especialmente quando se considera a capacidade da narrativa literária de transitar e dialogar com o espaço geográfico. A partir desse pressuposto, argumenta-se que a literatura, com todos os seus gêneros e estilos, funda a sua narrativa no espaço, e, consequentemente, a narrativa solicita o espaço como parte de sua própria dinâmica. A geografia, enquanto ciência que estuda os espaços e os lugares, tem se aproximado da literatura ao investigar como o espaço é narrado e como ele influencia a subjetividade dos personagens e a percepção do leitor.

A narrativa solicita o espaço e pode ser compreendida através da análise de como a literatura depende do espaço para ser construída e dar substância aos personagens. O romance brasileiro, especialmente a partir do modernismo e da literatura contemporânea, também desenvolveu uma relação com o espaço. Autores como Machado de Assis, Graciliano Ramos e Clarice Lispector abordam o espaço como um elemento estruturante da narrativa. A

<sup>1</sup> Universidade Federal de Jataí/ [ma.alinemarques@gmail.com](mailto:ma.alinemarques@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás/ [sugeoambiental@gmail.com](mailto:sugeoambiental@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Goiás/ [rozangelarozi@gmail.com](mailto:rozangelarozi@gmail.com)

obra "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, é um exemplo claro de como o espaço do sertão nordestino é uma metáfora para as condições de vida dos personagens e para a própria dinâmica social e política do Brasil rural.

Em obras de Clarice Lispector, o espaço interior, psicológico e existencial, torna-se o campo narrativo privilegiado. O espaço, portanto, não está limitado à sua descrição, mas se expande para o território da introspecção e da subjetividade. Este tipo de espaço é construído por meio de uma linguagem poética que torna visíveis as angústias, os desejos e os conflitos internos dos personagens. A narrativa solicita o espaço, pois sem ele, o próprio enredo perde seu significado. O espaço torna-se um protagonista dentro da obra literária, moldando as experiências e as percepções dos personagens e do leitor.

A Geografia, enquanto campo científico que investiga o espaço e suas dinâmicas, pode ser entendida como uma narrativa que solicita o dizer, isto é, uma forma discursiva que procura contar e interpretar o espaço. A relação entre Geografia e Literatura se insere num campo de intersecções, onde há uma literariedade nas formulações geográficas e uma espacialidade na ficcionalidade literária. No entanto, é necessário destacar as diferenças entre esses dois campos e compreender a forma como se relacionam no que se refere ao conhecimento científico e à fruição estética. O texto discute também as fronteiras entre ficção e verdade, conceito e imaginação, e como tais categorias se interseccionam no processo de elaboração do conhecimento geográfico.

É possível observar que a Geografia e a Literatura compartilham uma característica comum: a construção de narrativas. Contudo, enquanto a Geografia busca um conhecimento científico sobre o espaço e seus processos, a Literatura opera no campo da ficção, onde o espaço se apresenta como um elemento simbólico e subjetivo. A Geografia é tradicionalmente caracterizada como uma ciência que estuda as relações entre o ser humano e o espaço.

A narrativa geográfica envolve uma interpretação crítica dos fenômenos, que são organizados em forma de discursos que tentam captar e explicar as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que acontecem no espaço. Assim, a Geografia se faz enquanto uma narrativa que conta histórias sobre as territorialidades, as dinâmicas espaciais e as relações humanas.

É possível identificar na Geografia uma forma de literariedade, na maneira como os geógrafos constroem suas análises e narrativas. A linguagem geográfica, assim como a linguagem literária, tem a capacidade de criar imagens, evocar sentidos e provocar interpretações sobre o espaço. Ambas as práticas se utilizam da narrativa como uma ferramenta para explicar e comunicar realidades, embora suas finalidades e formas de abordagem sejam distintas.

A Literatura também explora a espacialidade, mas de forma diferente da Geografia. O espaço na ficção literária é frequentemente usado de maneira simbólica e metafórica. Enquanto a Geografia se ocupa de uma abordagem analítica e científica do espaço, a Literatura trabalha o espaço de forma subjetiva, muitas vezes como um reflexo da psique dos personagens ou da construção de uma atmosfera. A ficção, ao lidar com o espaço, se apropria de elementos geográficos de maneira livre e criativa, mas sempre dentro de um contexto simbólico.

Embora a Geografia e a Literatura compartilhem a capacidade de contar histórias sobre o espaço, suas abordagens são distintas. A Geografia, como ciência, está preocupada com a objetividade, com a sistematização do conhecimento e com a busca pela verdade sobre os fenômenos espaciais. A Literatura explora o imaginário, o subjetivo, o simbólico, e sua relação com o espaço é mais livre, explorando as possibilidades de representação do mundo através da ficção.

A grande diferença reside no propósito: enquanto a Geografia visa produzir conhecimento científico, a Literatura busca a fruição estética e a reflexão sobre as dimensões da experiência humana. No entanto, as intersecções acontecem, por exemplo, quando geógrafos se utilizam de metáforas literárias para explicar fenômenos espaciais ou quando escritores se inspiram nas realidades geográficas para construir mundos fictícios.

A intersecção entre geografia e literatura, frequentemente estudada sob as perspectivas da literogeografia, revela como os contextos espaciais influenciam e são influenciados pela narrativa literária. O conto de Bernardo Élis oferece a oportunidade de explorar essa intersecção ao retratar o espaço rural em Goiás, na década de 1940 e 1950, e a enxada como símbolo de forma que transcende o contexto físico e assume uma dimensão significativa.

No contexto da literogeografia, a representação do espaço no conto de Élis é essencial para a compreensão do conto. A descrição da terra, da exploração do trabalho e a relação de Piano com a enxada são indissociáveis da narrativa. A descrição do espaço geográfico molda as experiências de Piano nas terras de um fazendeiro, Elpídio Chaveiro, possivelmente um latifundiário, e, por extensão, influencia a estrutura e o desfecho da história. Assim, o conto pode ser visto como um exemplo de como o espaço geográfico serve como cenário e fator determinante na configuração da narrativa.

A perspectiva literogeográfica considera a literatura como uma forma de descrever, interpretar e reconstruir o espaço. No conto de Bernardo Élis (1966), o espaço é descrito, recriado e reinterpretado através da experiência do protagonista, Supriano, chamado também de Piano, e da visão do narrador. A literatura fornece um olhar através do qual o espaço é observado e compreendido, oferecendo aos leitores uma nova perspectiva sobre o espaço rural e os conflitos pelo uso da terra. O conto de Bernardo Élis pode ser visto como uma reconstrução literária do espaço rural, que permite compreender o espaço descrito. Ao analisar o conto "A enxada", é possível perceber que existe uma relação entre a geografia e a literatura. Araújo e Suzuki (2021) dizem que

A relação entre Geografia e Literatura é trabalhada por diferentes autores do pensamento geográfico, intelectuais de outros campos do saber, além de críticos literários, romancistas, poetas. Pela perspectiva da Geografia, a presença da produção literária remonta desde os relatos de viagem anteriores à consolidação dessa ciência no século XIX, aos métodos de descrição dos elementos da paisagem e à presença da premissa espacial em construções literárias, culturais, religiosas e filosóficas (Araújo; Suzuki, 2021, p. 129).

Os autores destacam a relação dos sertões brasileiros com a literatura brasileira. A relação entre literatura e espaço tem sido objeto de crescente interesse acadêmico, sendo abordada por meio da *literogeografia*. A literogeografia vai além da simples descrição espacial,

focando em como a geografia dentro da narrativa desempenha um papel ativo na construção simbólica e temática do texto (Soares, 2018).

A geografia não apenas define o local onde os eventos ocorrem, mas também influencia a formação dos significados literários. É essa intersecção que permite ao leitor perceber como os contextos regionais, como o sertão goiano, moldam os conflitos narrativos em obras como as de Bernardo Élis, em especial o conto "A enxada", (Élis, 1966).

A literogeografia trata da geografia como uma construção simbólica, que vai além da representação física. No conto "A enxada", de Bernardo Élis, o sertão é descrito como um espaço de tensão, resistência e sofrimento em face da desigualdade social. A paisagem dialoga com os sentimentos de desespero e opressão do personagem Piano, que se torna prisioneiro de uma roça de arroz.

A interação entre o espaço geográfico e o psicológico é marcante. Piano sofre pressões psicológicas por parte do Capitão Elídio Chaveiro e seus soldados ao ponto de apresentar delírios ao final do conto. O sertão, para os personagens, é simbólico, principalmente para Piano, que simboliza a dureza e pobreza do sertão no século XX. A literogeografia, portanto, está presente na forma como o autor a descreve a geografia física do sertão.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; SUZUKI, Júlio César. *Sertão veredas interdisciplinares entre geografia e literatura*: relato acerca de um curso de extensão. Revista Terceiro Incluído, v. 11, 2021.

ÉLIS, Bernardo. A enxada. In: BERNARDO, Élis. *Veranico de janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

SOARES, Pedro. *Geoliteratura e suas interfaces*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.